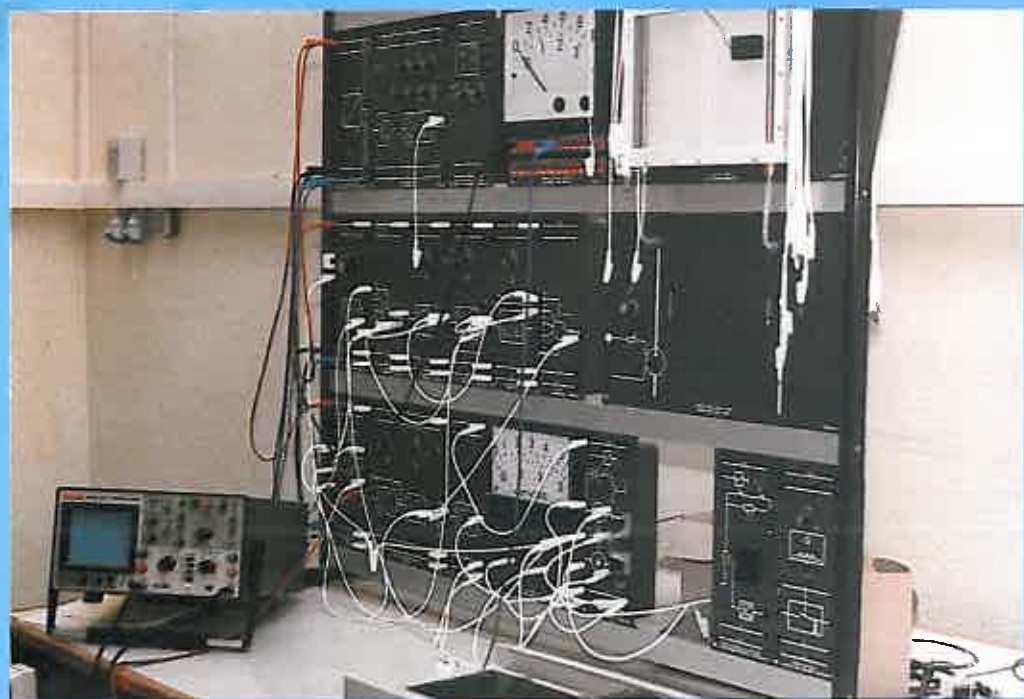


EDUCAÇÃO e TECNOLOGIA



Revista do Instituto Politécnico da Guarda

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA

Propriedade
Instituto Politécnico da Guarda

Director
João Bento Raimundo

Redacção
Serviços Centrais do I.P.G. - Av. Francisco Sá Carneiro nº 50
6300 Guarda
Telef. 222634 * Telecópia 222690

Composição
Gabinete Editorial do I.P.G.

Execução Gráfica e Impressão
Secção de Reprografia do I.P.G.

Periodicidade
Semestral

Tiragem
1.000 ex.

Depósito Legal
nº 17.981/87

nº XIV - Agosto de 1994

Evoluir e Agir

A valorização e o enriquecimento da nossa Revista tem sido uma preocupação constante, desde a sua primeira edição. Poderemos dizer que esta publicação tem caminhado a par com a própria evolução desta instituição de ensino superior, reflectindo a sua dinâmica, traduzindo a qualidade do ensino ministrado, incentivando a investigação, a edição de trabalhos inéditos, tracejando novas perspectivas.

Para além disso, e mercê da sua regularidade, do seu conteúdo, do seu contributo científico-cultural, a Revista "Educação e Tecnologia" é já hoje um título consagrado no contexto deste género de publicações, e com uma progressiva procura por parte de docentes, investigadores, homens de cultura e instituições.

É uma realidade que nos apraz registar. Sobretudo quando se trata de uma publicação, com estas características, editada no interior do País onde gera um diálogo cultural e onde intervém de forma idónea e responsável no processo subjacente ao papel do Instituto Politécnico da Guarda; instituição que no próximo ano lectivo aumentará substancialmente o seu número de alunos, que actualmente ultrapassa os três milhares.

É um número significativo, que confere à Guarda e à região toda uma vitalidade académica e social que honra os seus pergaminhos e as suas tradições estudantis de outrora, que a projecta, cada vez mais, no espaço nacional e europeu.

A Educação e a Tecnologia surgem, pois, como o quadro global em que se desenrola a actividade deste Instituto; daí que esta publicação seja sentida como um verdadeiro pilar e testemunho da sua acção, da sua capacidade interventiva. É sempre nesse sentido que continuaremos a caminhar.

João Raimundo
Presidente do IPG

LÍNGUA E CULTURA ALEMÃ NO INSTITUTO POLITÉCNICO DA GUARDA - VISITAS DE ESTUDO E COOPERAÇÃO COM A ALEMANHA

Carlos A. Morgado Berrincha*

Para justificar a criação da cadeira de *Língua e Cultura Alemã* no Instituto Politécnico da Guarda, não será decerto necessário recordar o *Reino dos Suevos* (411-585) - a primeira unidade política precisa e optimamente estruturada no Ocidente Peninsular - com a capital político-religiosa em Braga, onde o Bispo S. Martinho de Dume⁽¹⁾ e seus sucessores realizaram concílios, nos quais também os titulares da sede episcopal egitanense estiveram presentes⁽²⁾, e cuja extensão ia

* Professor Adjunto na E.S.E.

(1) Cf. Costa, Avelino de Jesus da: *S. Martinho de Dume. XIV Centenário da sua chegada à Península. Bracara Augusta*, 2 (1950), pp. 288-325; Olivetra, Miguel de: *Lenda e História - estudos hagiográficos* (S. Martinho de Dume e conversão dos Suevos). Lisboa 1964.

(2) Pelo facto da Egítânia ter sido destruída pelos Suevos em 420, alguns autores negam-lhe todo o seu passado de Sede Episcopal, desde o tempo romano, recusando-se mesmo a admitir que o bispo egitanense tivesse participado no *fabuloso concílio bracarense* em 561, preferindo ver a criação da sede egitanense apenas em 589, no concílio de Lugo - também esta Igreja, assim como todas as outras da Galiza contemporânea, pertenciam à Igreja Metropolitana de Braga -, tendo depois assistido ao 2º concílio de Braga em 572, cujas actas assinou em quarto lugar. Cf. Gomes, Pinharanda J.: *História da Diocese da Guarda*, Braga 1981, p. 20s.; Landeiro, José Manuel: *Diocese da Guarda com sede em Idanha-a-velha (Egítânia)*, Penamacor e Guarda. Vila Nova de Famalicão 1940, sobretudo pp. 36 e 39; Costa, Avelino de Jesus da: *Data do Concílio I de Braga: 1 de Maio de 561. Bracara Augusta*, 21 (1967), pp. 166-198; Demetrio Mansilla: *Obispatos y metrópolis del Occidente Peninsular hasta el siglo X. Bracara Augusta*, 22 (1968), pp.14-40; Berrincha, Carlos A.

do Tejo ao Mar Cantábrico⁽³⁾; nem tão pouco relembrar o Reino dos Visigodos (507-711) que, a partir de 585/86, vencidos os Suevos a Ocidente e impelidos os Bizantinos a Sul, se tornam senhores de toda a Península, constituindo a sua capital em Toledo⁽⁴⁾, tendo-se tornado, deste modo, um dos símbolos referenciais da *Unificação Ibérica*, contrastando *de jure e de facto* com a época histórica precedente; nem sequer invocar o nome *germânico* (suevo ou visigótico) da nossa cidade, provindo de *Warda*, significando etimologicamente local estratégico, o mesmo que *vigia*, do termo latino *vigilia*, existindo tantos outros, sites em todo o território Português, aos quais a nossa memória colectiva preferiu conservar, até aos nossos dias, o nome árabe de *atalaia* (*at-tala'a*)⁽⁵⁾. É que *águas passadas não movem moitinhos*.

Aquando da geminação da cidade da Guarda com a cidade germânica de Siegburg (1985), tendo eu estado presente, como tradutor, alguns encontros políticos, lembro-me claramente que enquanto os Portugueses (os Guardenses) falavam de *amizade* e *irmandade* entre as duas cidades, os Alemães, por diversas vezes, fugindo ao estilo romântico, cheio de panegerismos, repetiram o termo *pragmatismo*.

Morgado: *Die Wiederherstellung des Metropolitansitzes von Braga und die Entstehung Portugals*. Mainz 1980 (Polycopiada), pp.10-38.

(3) *Ao território que possuíam na parte marítima da Galícia, desde 411, ajuntaram a parte marítima da Lusitânia correspondente, até cerca do Tejo...(!...), cujo poder político foi destruído em 585 pelos Visigodos... Fernando Castelo Branco: O Reino dos Suevos e a Independência de Portugal*, Bracara Augusta, 9 - 10 (1958/59), pp. 90-105, cit. da p. 101 e 105.; vide Francisco José Veloso: *A Lusitânia Suevo-Bizantina*. Bracara Augusta, II, 2 (1959), pp.115-151, mas sobretudo p. 136, 142, 145 e 147: (...) torna-se possível concluir que os Suevos se encontraram de início na capital da província que era Braga, e na região de Entre-Douro-Minho, e daí exerciam a sua supremacia no restante território do convento bracarense e depois se foram difundindo progressivamente, até que por modo directo e efectivo ocuparam e habitaram a porção da Lusitânia primitiva que se estendia desde o Tejo ao Mar Cantábrico...; Cf. David, Pierre: *Études Historiques sur la Galice et le Portugal du VI e au XII e Siècle*. Lisboa-Paris 1947; Hamann, Stephanie: *Vorgeschichte und Geschichte der Sueven in Spanien*. Regensburg 1971; Musset, Lucien: *Les Sèves d'Espagne. Les Invasions. Les vagues germaniques*. Nouvelle Clio, 12 (1965), pp. 108-110; Wilhelm, Reinhart: *Historia geral del reino hispanico de los Suevos*, Madrid 1952; Reynolds, Robert L.: *Consideration on the history of the Suevo. Revue de Philologie et d'histoire*, 1 (1957), pp. 19-47.

(4) Cf. Claude, d.: *Adel, Kirche und Koentigtum im Westgotenreich*. Sigmaringen 1971; *Geschichte der Westgoten*. Stuttgart-Berlin-Koeln-Mainz 1970; Schaeferdick, M.K.: *Die Kirche in den Reichen der Westgoten und Sueven bis zur Errichtung des westgotischen Staatskirchentums*. Berlin 1967; Sanchez-Albornoz, Claudio: *Fuentes para el estudio de las divisiones eclesiasticas visigodas*. Boletín de la Universidad de Santiago de Compostela, 2 (1929), pp. 29-83; Riviera Reola, Juan Francisco: *Encumbramento de la sede toledana durante la dominación visigótica*. Hispania Sacra, 8 (1955), pp. 3-34.

(5) Cf. Piel, Joseph Maria: *Os Nomes germânicos na toponímia portuguesa*, Lisboa 1937; Veloso, José: *As "depraedatinnas" e as vilas suévicas*, in *A Lusitânia Suévico-Bizantina*, pp. 148ss.; Vasco Rodrigues: *O povoamento medieval da Guarda*, in *Monografia Artística da Guarda*. Guarda 1977, pp. 32-37.

(...) É em relação com essa via (romana) que surgem, como distamos, várias atalaias. A Guarda era uma delas, como o seu topónimo indica, uma torre ou vigia que se situava num sítio alçado... Rita Costa Gomes: *A Guarda Medieval. Posição, Morfologia e Sociedade* (1200-1500). Lisboa 1987, p. 25; tenha-se também em conta a bibliografia mencionada pela autora, *ibidem*, sobretudo na Nota 79 e 80.

De facto, Portugal, actualmente Membro da Comunidade Europeia, para a qual aceitou entrar, terá, a meu ver, de ser pragmático, tal como os outros membros. Para tal, há que conhecer a Língua e a Cultura dos outros povos membros. Já não se poderá contentar apenas em reafirmar, o que tantas vezes fez, olhando apenas para o passado, o que o Poeta conhecia da Europa⁽⁶⁾.

*Eis aqui se descobre a nobre Espanha,
Como cabeça ali de Europa toda,
... (Os Lusíadas III, 17)*

*Eis aqui, quasi cume da cabeça
Da Europa toda, o Reino Lusitano
Onde a terra se acaba e o mar começa
... (III, 20)*

*Vede'lo duro Inglês, que se nometa
rei da velha e santíssima Cidade,
Que o torpe Ismaelita senhoreia
... (VII, 5)*

*Vede'los Alemães, soberbo gado,
Que por tão largos campos se apacenta;
Do sucessor de Pedro rebelado,
... (VII, 4)*

Eram outros tempos. Hoje que todos já sabem donde vem a pimenta, o que o autor alemão, nosso contemporâneo, Guenter Grass, em 1977, na sua obra *Der Butt*⁽⁷⁾ sobejamente dá a entender (*Ueber Gewuerze - als Vasco da Gama und ich den Pfeffer billiger machten - will ich unterwegs nach Kalkutta schreiben*), e se é verdade que para bom entendedor meta palavra basta, há que compreender o presente, repensando o passado e reprojectar o futuro.

É que já não há dama confiante, desejosa e esperançada na Anglo-terra, à espera que Magriço Português lhe possa defender sua honra (VI, 66-67). Hoje, pelo contrário, há donzelas portuguesas que por essa Europa fora desonradamente, mal pagas, trabalham. E outras, aqui bem perto, em terras da renovada Castella e da nova Galaectia, ofertam o seu próprio corpo e honra à deusa Afrodite ou a Venus, levadas, certamente, pelas vãs promessas de Plutão, por força da miséria monetária e cultural, vivida e adquirida, em suas tenras idades.

(6) Camões, Luís de: *Os Lusíadas*, Mem Martins. s.d.; Cf. Júlio Pinheiro: *A usão da Europa em os Lusíadas de Camões*, in Educação e Tecnologia - Revista do Instituto Politécnico da Guarda - XI (1983), pp. 7-19.

(7) Grass, Guenter: *Der Butt. Roman*. Wien 1977, p.14.

Perante tanta e vil tristeza, atrevo-me a fazer minhas as nobres palavras do velho Poeta:

*Fazet senhor (D. Sebastião), que nunca os admirados
Alemães, Galos, Italos e Ingleses,
Possam dizer que são para mandados,
Mais que para mandar, os Portugueses.
... (X, 152)*

Também já lá vai o tempo em que o douto, orgulhoso, mas pobre Alemão, lavava os dentes com a escova do rico e ainda megalômano D. Raposo, Português, de Aquém e de Além-Mar⁽⁸⁾. Hoje, outro galo nos canta.

Thomas Riepenhausen, alemão de gema, mas bem conhecedor de Portugal, seus habitantes e actual mentalidade, resumiu, ainda há pouco, em 1992, em oito páginas, a problemática da actual *Identidade cultural e mentalidade dos Portugueses*, no seu artigo *Zum Kulturellen Selbstverstaendnis von Portugiesen*⁽⁹⁾, temática sobre a qual lhe não pedido que escrevesse, a que acedeu, embora ele próprio afirme, logo no início da sua exposição que preferiria dar-lhe antes o título *Das kulturelle Selbstbild, Selbstverstaendnis von Portugiesen*. Acrescenta, no entanto, que se tivesse de descrever a mesma temática relativamente aos Alemães, acrescida da actual problemática da *Reunificação*, ser-lhe-la decerto bem mais difícil⁽¹⁰⁾. Mas, não falemos agora dos Alemães. Deixemos, antes, que um alemão fale de nós, para sabermos como é que por ele ou eles somos vistos: *Portugal durante toda a sua história preferiu o comércio à manufactura de produtos*⁽¹¹⁾; *consequentemente, Portugal ainda hoje importa, porque os Portugueses não dão valor aos seus próprios produtos*⁽¹²⁾, pensamento fundamentado numa frase de Eça de Queirós, que o autor, acima referido, cita em Português: *Portugal importa porque os Portugueses não se importam*.

(8) (Eça de Queirós: *A Relíquia*. Circulo de Lectores, S.d., p. 65s.: *Raramente compreendia as suas sentenças, sonoras e bem cunhadas... Ficou-me a dever seis moedas - mas esta diminuta mígalha de pecúnia desaparece na captoza onda de saber histórico com que fecundou o meu espírito. Uma coisa apenas, além do seu pigarro de erudito, me desagradava nele - o hábito de se servir da minha escova de dentes.*

Era também, intoleravelmente, vaidoso da sua pátria... Assim, quando no Hotel das Pirâmides, nos apresentaram um livro, para nele registarmos nossos nomes e nossas terras, o meu douto amigo traçou o seu 'Topsius' - O nome dele - ajuntando por baixo, em letras tesas e disciplinadas como galuchos: 'Da Imperial Alemanha'. Arrebatet a pena; e recordando o barbudo João de Castro, Ormuz em chamas, Adamastor, a capela de S. Roque, o Tejo e outras glórias, escrevi largamente, em curvas mais enfunadas que velas de galeões: *Raposo, Português, de Aquém e de Além-Mar*.

(9) Riepenhausen, Thomas: *Zum kulturellen Selbstverstaendnis von Portugiesen*. Gondomar (Policopiado) 1992.

(10) ... ueber das Selbstverstaendnis der Deutschen - auch der wiedervereinigten - zu sprechen, fiel mir weit schwerer, idem, p.1.

(11) Portugal war ueber seine ganze Geschichte mehr ein Handels - als ein produzierendes Land, idem, p.3.

(12) Portugal importiert, weil die Portugiesen ihren eigenen Wert nicht schaeetzen, ibidem.

Estas afirmações vêm na sequência do pensamento do mesmo autor que considera que os Portugueses ainda hoje preferem artigos estrangeiros aos nacionais, julgando-os de inferior qualidade, o que justifica, que os autocarros da cidade do Porto, na altura e durante muito tempo, fazendo reclame à firma *Efacec* incluíssem no seu slogan a seguinte frase: *Produto nacional, qualidade internacional*⁽¹³⁾.

Ainda segundo Riepenhausen, os Portugueses têm hoje, sem dúvida, um sentimento de inferioridade - o que não sucede com os Espanhóis nem com os Alemães - uma modéstia exagerada. Mas, em contrapartida, somos todos daquela Terra, onde cada lavrador pensa ter o melhor vinho do mundo, onde pensamos que temos a melhor comida, o melhor clima⁽¹⁴⁾, mas que também, já vamos tendo consciência, que somos de um país de costumes brandos⁽¹⁵⁾, onde efectivamente muitos estrangeiros se sentem bem, onde o Presidente da República concede amnistias todos os anos pelo Natal⁽¹⁶⁾, mas onde ainda, de facto, não se come tão quente como se cozinha⁽¹⁷⁾.

Continua o autor: Portugal é ainda 'um Jardim à betamar plantado' (Camões), mas os Portugueses sabem muito bem que, actualmente, não passam duns líricos⁽¹⁸⁾, têm as vistas curtas⁽¹⁹⁾, tendo desculpas para tudo⁽²⁰⁾, muitas das vezes só trabalhando para Inglês ver⁽²¹⁾. Contudo, embora lamentando-se de tudo e a toda a hora, não apresentam as suas queixas às devidas instâncias⁽²²⁾.

Para o Português, o coração é a medida de todas as coisas (Jorge Dias) e na Europa gostam de ser conhecidos pelo povo da Saudade⁽²³⁾ e do Fado⁽²⁴⁾.

Portugal deu novos mundos ao mundo, facto que gostamos de ver pelos outros reconhecido, mas já na altura, navegando

(13) Idem, p. 2.

(14) Ich meine also, dass die Portugiesen - im Gegensatz zu Spanien und Deutschen - durch-aus ein Minderwertigkeitsgefühl haben, eine uebertriebene Bescheidenheit;...Jeder Bauer hat 'den besten Wein der Welt'...; ...Stolz auf das Essen (das nicht nur in seiner Zubereitung, sondern auch als soziales Ereignis zaehlt), auf das Klima..., idem, p. 3.

(15) ...Land mit den 'costumes brandos' den milden Sitten...; Wir sind ein Volk milder Sitten, idem, pp. 3 e 4.

(16) ..., wo sich so viele Auslaender wohlfuehlen, wo der President jedes Jahr zu Weihnachten Strafmandate amnestiert, idem, p. 3.

(17) ..., (wo) und wirklich nichts so heiss gegessen ..., wie es gekockt wird, ibidem.

(18) 'Portugal é um jardim à betra-mar' (Portugal ist ein Garten am Meeresufer - Luis de Camões); dieses Zitat kommt, wenn das Schoengeistige des Landes im Gegensatz zu den Anforderungen der harten Realitaet herausgestellt werden soll. Im selben Sinne: 'Somos uns líricos' (Wir sind alle Lyriker)... idem, p. 4.

(19) 'O português tem as vistas curtas' (Der Portugiese ist kurzichtig), sucht den schnellen Gewinn..., ibidem.

(20) 'Meteu-se o Natal' (Da kam Weihnachten dazwischen) ist die begehrteste, freilich nicht immer verfügbare Ausrede..., ibidem.

(21) Bisweilen wird freilich nur auf das Aeussere geachtet, auf die Fassade, den Schein - 'para Inglês ver' (damit es der Englaender steht), ibidem.

(22) 'Die Portugiesen klagen viel, aber beschwerten sich wenig bei den entsprechenden Instanzen...auch wenn das Recht auf ihrer Seite steht, ibidem.

(24) Idem, p. 5.

multas vezes à bolina (Agostinho da Silva). Porém, hoje mais que nunca, conclui, discretamente, como é próprio dum Alemão, que ainda falta cumprir Portugal, citando Fernando Pessoa: Die portugiesische Seele, hat nach Fernando Pessoa(...) eine Aufgabe in der Welt, die noch ihrer Erfuellung harrt: falta cumprir Portugal⁽²⁵⁾.

Para cumprir Portugal, em nosso entender, há que por mares nunca dantes navegados, ou por terras até hoje ignotas ou mal conhecidas, passar de novo além da Taprobana (I, I), isto é, nas circunstâncias actuais, sem de qualquer modo menosprezar a vocação atlântica portuguesa, passar na Europa além de Roma, Paris e de Londres.

Neste sentido, desafiando, até certo ponto, mas intencionalmente, o tempo e o espaço, professores do Instituto Politécnico da Guarda candidataram-se a uma visita de estudo à Alemanha, através do Programa Erasmo.

Que honra ter sido aceite o nosso projecto, por tão nobre Instituição Europeia que tem como patrono o grande humanista Desiderius Erasmus (1466-1536), conhecido, entre nós e em toda a Europa, mais por Erasmo de Roterdão. Humanista profundo, bem conhecedor da Holanda, sua Terra-Natal, Alemanha, França, Inglaterra, Itália, Suíça, onde vivera os seus últimos dias (Basileia), e que pelos seus conhecimentos e escritos, pelas suas relações e influência na Europa Central, tem sido por muitos denominado O Príncipe Europeu⁽²⁶⁾, ideia que não compartilho totalmente por considerar Camões, - no respeitante ao conhecimento cultural da Europa Central, apenas teórico, mas acrescido do conhecimento, *de facto*, geográfico e cultural do Novo Mundo, recém-descoberto - assim como outros Grandes Europeus, tão dignos daquela designação, como ele.

Chegados ao majestoso aeroporto de Francoforte - Rhein-Main-Flughafen⁽²⁷⁾ - , vista e admirada de perto a mais alta torre (arranha-céus) da Europa, assim nos disseram, prédio ainda há pouco construído para escritórios e habitação, em passagem pela cidade do mesmo nome, visitámos de seguida, para começar bem, a velha cidade imperial de Mogúncia - Mainz.

Outra coisa também não era de esperar: fora ali, que eu vivera a minha juventude; fora ali, na vestuta Universidade de Johannes Gutenberg, com os seus 500 anos de idade, fundada por Bula do Papa Sixto IV, datada de 23 de Novembro 1476⁽²⁸⁾,

(25) *Idem*, p. 7s.

(26) Grabert-Mulot-Nuernberger: *Geschichte der deutschen Literatur*, Muenchen 1986, p. 54: *Man hat Erasmus den 'ersten Europaeer' genannt.*

(27) 'Rhein-Main-Flughafen', nome oficial, tributando, por um lado, a devida reverência ao rio Meno (Main) que ali entra pelo Reno (Rhein) dentro, e evitando, por outro, eventuais mal-entendidos por parte dos habitantes da cidade de Mogúncia (Mainz), a capital do Estado da Renânia Palatinado, uma vez que o aeroporto está a quase igual distância entre aquela e Francoforte (Frankfurt am Main), cidade do Estado de Hessen, com a capital em Wiesbaden.

(28) Cf. Mathy, Helmut: *Aus der Geschichte der Mainzer Universitaet*, in *Johannes Gutenberg-Universitaet Mainz. Personen- und Studienverzeichnis*. Wintersemester 1991/92. Mainz, pp. 18ss.

que defendera a minha tese do Mestrado. Mas valorizando aparentemente a Universidade, não pretendo, de modo algum, menosprezar, nem a velha Catedral, a *menina dos olhos de todos os Moguncianos*, onde o Arcebispo - Bispo de Mogúncia -, Willigis coroou rei Henrique II, no ano 1002, o futuro Imperador do *Sacro Império Romano - Germânico*, elevado a Imperador em Roma em 1014⁽²⁹⁾, nem a velha casa onde se diz ter nascido Johannes Gutenberg (1400-1468), inventor da tipografia com caracteres móveis⁽³⁰⁾, ali mesmo ao lado, da parte de trás, nem tão pouco o respectivo Museu com o seu nome, com fama mundial, mesmo de frente, do lado direito da referida Catedral.

Uma curta visita ao *Instituto de História Europeia - Institut fuer Europaetsche Geschichte* - instalado na velha *Domus Universitatis*, mesmo ali, no lado oposto ao Museu Gutenberg, frente à Catedral, tornara-se, por razões óbvias⁽³¹⁾, também imprescindível, pelo que o tempo disponível teve que ser esticado.

Após a agradável visita à *velha capital* do Sacro Império Romano-Germânico, embora também outras pretendam ter tido semelhante honra - mas todas reconhecendo que a *verdadeira capital* era Roma - dirigimo-nos de carro para Limburg - cidade onde o meu companheiro de viagem, em tempos idos havia leccionado Língua Portuguesa durante dois anos. Assim tivemos também a rara oportunidade de admirar de perto a majestosa e bela Catedral (séc. XIII), que tantas vezes, ao longe, situada no planalto, a todos quantos passam na auto-estrada distante, chama a atenção⁽³²⁾.

Seguimos depois para Erfurt, ainda há pouco situada do lado de lá da velha, e de triste memória, *cortina de ferro*, tão profundamente destruída que já nada se nota do que até há pouco ali existia: arame farpado, campo de minas e, de dois em dois quilómetros, aproximadamente, as inesquecíveis torres de vigia.

(29) *Bet Ottos III. kinderlosem Tode folgte mit Heinrich II. sein naechster maennlicher Verwandter als Koenig....* Mueller, Helmut M.: *Schlaglichter der deutschen Geschichte*, Bonn 1987, p.39.

Henrique II (1002-1024) foi coroado em Roma no ano 1014. Kinder, Hermann/Hilgemann, Wener: *Die Atlas zur Weltgeschichte. Karten und chronologischer Abriss*, Vol. 1. Offenbach/Main 1971, p.143.

Na temática acima referida é de toda a conveniência consultar entre outras a obra coordenada por Reiner Hausherr *Von der Entstehung des Deutschen Reiches bis zum Ende der Stauferzeit. Geschichte-Kunst-Kultur*, 4 Vols. Stuttgart 1977.

(30) Cf. Hoffman, A.: *Perfil da Alemanha* (Tradução de João A. Pensch), Braunschweig 1992, pp. 51s.

(31) A biblioteca tem cerca de 165.000 volumes. Desde 1950 ajudou 540 bolseiros, vindos de 38 países diferentes, entre eles, 70 dos EUA, 3 do Japão, 2 de Israel, 9 Espanhóis, mas nem um único (para amostra) de Portugal. Bruchert, Viktor: *Institut fuer Europaetsche Geschichte*, Mainz s.d., 21 pp.

(32) Cf. *Prospekt des Bischoefflichen Domkapitels: Der Dom zu Limburg* (Gestaltung: Elmar Lixenfeld; Text: Joachim Pick; Foto: Jutta Bruedern), Frankfurt, Braunschweig 1991.

A passagem foi impressionante. Estávamos do lado de lá e ninguém nos tinha pedido o passaporte nem olhado para a nossa cara durante a meia-hora do costume, comparando-a com a fotografia, descobrindo por vezes que o *selo branco* Consular, ou dos Governos Cíveis Portugueses, não a atingiam, o que tornava o passaporte inválido. Tal descoberta merece decerto dois louvores similares: um à investigação exaustiva dos agentes aduaneiros, nestes casos e, sobretudo, no tempo da ex-DDR, sobejamente exagerada, mas própria de todo o Alemão, e um outro à maneira de ser portuguesa, diferente da alemã, mas também da inglesa, *to be or not to be*, ou da francesa que racisticamente classifica o trabalho mal feito *travail d'arabe* e que esporadicamente considera os Portugueses como *pire que pretos, pretos pintados de branco*⁽³³⁾ pela sua lenta maneira de trabalhar.

Na verdade, como *para Português bacalhau basta*, e não se tratando de *nariz de Santo*, ainda há muitos Portugueses que preferem ir *mediocramente fazendo*, enquanto, ao mesmo tempo, vão ouvindo a Amália Rodrigues cantar o fado do *é ou não é*, originando, conseqüentemente, daquelas ou doutras coisas parecidas (a falta de qualidade na manufactura portuguesa, claro que exigindo sempre ordenados da CEE, *mesmo que não esteja Inglês à vista*). O que nos foi valendo é que poucos foram os casos em que aquilo aconteceu.

Desta vez também não nos obrigaram a trocar os vinte marcos ocidentais pelos vinte marcos da Alemanha de Leste, por cada dia de estadia prevista. Ninguém nos perguntou por nada e até parecia que ainda estávamos na mesma Alemanha: serena, silenciosa, cheia de floresta de ambos os lados da auto-estrada. As árvores não haviam respeitado a velha fronteira e, possíveis restos daquela, haviam sido germânica e escrupulosamente destruídos por mão humana. Nem demos conta de passar por Eisennach onde, em 1685, Johann Sebastian Bach nascera. Apenas, já passados alguns quilómetros além da antiga fronteira, se notava que os postes transportadores de electricidade eram mais ferrugentos do que os da Alemanha Ocidental e que mais adiante as casas, outrora construídas longe da auto-estrada, por razões óbvias, aparentavam ser muito mais velhas.

Chegados a Erfurt fomos calorosamente recebidos pelos responsáveis da Escola Superior de Educação. Impressionou-nos, sobretudo, o grande número de alunos que estudavam e consultavam livros na biblioteca, às 3 horas da tarde.

Surpreendeu-nos, de certo modo, o plano descrito pelo Director, acerca da construção, para breve, de uma Universidade - Erfurt já tivera uma Universidade, fundada em

(33) Caso passado na Fronteira de Vilar Formoso, há ainda bastante pouco tempo. Afirmado por camionistas franceses, em discussão, protestando contra a burocracia e lentidão dos agentes aduaneiros portugueses.

1392⁽³⁴⁾ - a integrar ou não a sua Escola, assunto ainda por estudar e concluir. Ficámos ainda a saber que dois estudantes portugueses, um do Porto e outro de Braga, eram assíduos visitantes e participantes nos Cursos de Verão, organizados todos os anos por aquela Escola. E vimos, no rosto e nas palavras dos responsáveis, uma alegria infinita de agora já se poderem considerar pertencentes ao *Mundo Livre*, com a possibilidade de visitar a *Zona Ocidental* (a ex-RFA), a cidade de Roma, de Londres ou Paris, o grande sonho dos mais velhos e dos mais novos, *enquanto as possibilidades económicas não derem para mais*.

Vista a Escola, propusemo-nos conhecer também um pouco da cidade Erfurt. Mas mal entrámos na belíssima Catedral gótica, logo nos recordaram Lutero (1483-1546), não o *protestante* Reformador⁽³⁵⁾, nem como um dos fundadores da Igreja Evangélica, mas apenas e tão somente o simples *estudante* Martinho (Martin), nascido a 10 de Novembro de 1483 em Elsieben, estudante em Erfurt, a quem a Universidade local concedeu em 1505 o título académico de *Mestre*, para logo de seguida interromper os seus estudos em direito, entrar e fazer votos no Convento dos Eremitas de S. Agostinho, onde o *monge* Martinus vive até 1512, ano em que, já doutorado em Teologia, aceita a docência na Universidade de Wittenberg, ali bem perto⁽³⁶⁾.

Assim, vistas bem as coisas, numa visita de estudo, não podíamos ignorar nem tão pouco aqui deixar de descrever, embora muito resumidamente, o lugar de Martin Luther na história da literatura e da cultura alemã, não tivesse sido ele o grande tradutor da Bíblia, não do texto da *Vulgata* mas, sim, dos textos originais, do grego e do hebraico; não tivesse tido ele a invulgar capacidade de escrever, sem dúvida alguma, *eruditamente*, conseguindo, ao mesmo tempo, ser compreensível aos *mais simples*, ao *povo em geral*, ao ponto de ter sido *acusado* de estar a querer ser criador duma *nova língua*, acusação que ele próprio refuta como se pode ver nestes dois textos:

Ich habe... 'eigene Sprache im Deutschen', sondern brauche der gemeinen deutschen Sprache, dass mich beide, Ober- und Niederlaender, verstehen moegen 'rede nach der saechsichen Kanzlei, welcher nachfolgen alle Fuersten und Koentge in Deutschland'⁽³⁷⁾;

(34) Cf. Mueller, *Schlaglichter der deutschen Geschichte*, p. 77.

(35) Veja-se nesta temática entre outros a obra de Joseph Lortz: *Die Reformation in Deutschland*, 2 Vols., sobretudo Vol. I, *Zweiter Teil*, Kap. 2, & 2: *Der Reichstag zu Worms*. Freiburg im Breisgau 1939, pp. 274-288 (Vol. II, *ibidem*, 1940).

(36) Cf. Mueller, *Schlaglichter der deutschen Geschichte*, pp. 91s.; Lortz, Joseph, *Die Reformation in Deutschland*, Vol. I, *Zweiter Teil*, Kap. 1, & 1: *Der junge Luther*, pp. 147-192, mas sobretudo pp. 155-171.

(37) 'Luthers Tischreden' und der 'Sendbrief vom Dolmetschen' (1530), cit. em Grabert-Mulot-Nurnberg, *Geschichte der deutschen Literatur*, pp. 56s.

'Man muss' nicht die buchstaben inn der sprachen fragen, wie man soll deutsch reden..., sondern man muss 'die mutter' im hause, 'die kinder' auff der gassen, 'den gemetnen man' auff dem marckt 'drumb fragen' und 'den selbigen auff das maul sehen', wie sie reden...⁽³⁸⁾.

No dia seguinte partimos para Leipzig. Logo à saída de Erfurt, deparámos com duas placas: uma indicando a auto-estrada para Leipzig, e a outra, mesmo ali ao lado, revelando na cor e na forma que se tratava duma estrada *nacional*, mas na qual haviam escrito a palavra mágica *Weimar*. Sem mais, caímos na tentação. Seguimo-la, curiosos. A primeira consequência foi que havíamos de facto deixado a larga e segura auto-estrada e entrado numa estrada *normal*, de segunda ou de terceira, isto é, muito parecida às estradas provincianas ou nacionais portuguesas do antes 25 de Abril. Passado algum tempo, tivemos finalmente a oportunidade de ver algumas casas rurais da antiga ex-DDR e, de facto, ali era um outro mundo: adormecido, ainda por acordar para a renovação tecnológica já programada e desde há muito existente na outra *banda* - '*Zone*' (*BRD*) - que eu bem conhecia, pois aí vivera mais duma vintena de anos.

Ao chegar a Weimar, não a reconhecemos e até pensámos que houvesse na Alemanha uma outra com o mesmo nome, pois aquela não parecia passar duma pequena cidade e, de modo algum, preparada para receber turistas. Sem mais, e certamente que outros teriam também feito o mesmo, procurámos recuperar a auto-estrada para Leipzig. Tive, contudo, um pequeno pressentimento de dúvida que me perseguia e ainda hoje me sinto revoltado por o não ter podido esclarecer na altura. Felizmente, em casa, tive a oportunidade de verificar que a pequena cidade de Weimar - ao tempo de Goethe ainda *halb Residenzstadt, halb Dorf* ⁽³⁹⁾ - era efectivamente aquela e que hoje tem um dos mais importantes arquivos literários de toda a Alemanha⁽⁴⁰⁾.

Verifiquei ainda que, se tivéssemos viajado em meados da segunda parte do século XVIII, poderíamos ter tido a sorte de ter por companheiro de viagem o jovem Johann Wolfgang von Goethe, nascido a 28 de Agosto de 1749, em Francoforte, onde havíamos começado a nossa viagem de estudo. Aos 16 anos de idade fora mandado estudar *directo* para a Universidade de Leipzig, cidade à qual ele gostava de chamar a sua *pequena Paris*⁽⁴¹⁾, e aos 26 viria a ser convidado para permanecer em Weimar, na casa do Marquês Karl August e de sua esposa Louise, jovens de 18 e de 17 anos respectivamente.

(38) *ibidem*.

(39) Vide Grabert-Mulot-Nuernberger, *Geschichte der deutschen Literatur*, p. 117.

(40) Cf. Hoffmann, *Perfil da Alemanha*, p. 135.

(41) *ibidem*, p. 28.

Precisamente, em Weimar, vivera o poeta alguns dos seus maiores amores, *desamores e dissabores* da sua vida, que ele próprio descreve em carta à sua estimada tia Johanna Fahlmar ou, directamente, à sua querida amada, Charlotte von Stein, bradando depois ao Pai do Céu que de novo lhe conceda paz a seu coração, *dilacerado de dor e desilusão*:

...'*Die Maegdlein*' sind hier '*huebsch und artig*', ich gut mit allen. Eine herrliche Seele ist '*die Fr(au) von Stein, an die ich*' so was man sagen moege '*geheftet und genistet bin*'. '*Louise*' und ich leben nur in *Blicken und Sylben* zusammen. Sie ist und '*bleibt ein Engel*'...⁽⁴²⁾;

...*Meine Seele ist fest an Deine angewachsen, ich mag keine Worte machen, du weisst dass ich 'von dir unzertrennlich bin'*...⁽⁴³⁾;

Der '*du von dem Himmel bist*',
Alles Leid und Schmerzen stillest,
(...)
-Ach '*ich bin des Treibens muede*',
Was soll aller der Schmerz und Lust?
'*Suesser Friede*',
Komm, '*ach komm*
in meine Brust'⁽⁴⁴⁾.

Em Leipzig, não procurámos a velha Universidade de Goethe, nem tão pouco a nova, ao pé da qual, casualmente, viríamos a passar pela manhã do dia seguinte. Também não procurámos o local de nascimento do filósofo universal Gottfried Wilhelm Leibnitz (1646-1716)⁽⁴⁵⁾, nem as igrejas e palcos onde Bach teria actuado, sobretudo desde 1723 até à sua morte (1750)⁽⁴⁶⁾, nem tão pouco o local onde, nas quatro décadas da *economia socialista planificada*, haviam tido lugar as *Festas Internacionais*. Para Leipzig, o nosso programa apenas previa a visita ao Centro Desportivo, ultimamente tão *badalado*, nas televisões europeias, mesmo na própria Alemanha, por

(42) *Brief an seine Tante Johanna Fahlmar; Brief an Frau von Stein* (Charlotte); *Wandrer's Nachlied*. Cit. em Grabert-Mulot-Nuernberg, *Geschichte der deutschen Literatur* (Goethe in Weimar), pp. 111ss.

(43) *ibidem*.

(44) *ibidem*.

(45) *Leibnitz, geboren in Leipzig, ... war einer der universalsten Geister seiner Zeit; Philosoph, Mathematiker, Erfinder der Differential- und Integralrechnung; Jurist, Politiker, Historiker, Diplomat*. Grabert-Mulot-Nuernberger, *Geschichte der dt. Literatur*, p. 84.

(46) Cf. Hoffmann, *Perfil da Alemanha*, p. 59. Cf. também Frederic V. Grundeld: *O esplendor de Bach, em Música* (tradução de Ana Maria Coelho de Sousa e António Leitão). Lisboa/S. Paulo 1978, pp. 43-58 (A sua morte aos 66 anos, em 1750, '*foi invulgarmente sentida por todos os verdadeiros entendidos em música*', segundo comentário de um jornal de Leipzig, p. 52s).

haver suspeitas ou melas-certezas da utilização de *drogas* nas competições internacionais .

Visitámos pois o tal dito *Centro*, onde, ainda há pouco, no tempo da *velha ex-RDA*, se fabricavam medalhas de ouro em quase todos as modalidades desportivas, com ou sem *dopping*, não sei, mas que ainda hoje, tudo *naquele Centro é espartano*, lá isso é verdade! Ali faz-se *Educação Física a sério*, foi, pelo menos, essa a impressão com que ficámos, depois de ter visto tudo o que quisemos!

Foi-nos dada a notícia da já existente decisão de integrar aquele *Centro* na *Universidade local*, deixando assim de ser autónomo. Ser-lhe-ia acrescentada a *vertente Educação*, pretendendo-se que perdesse um pouco daquilo que até ali somente fora: *Centro Desportivo de Competição*, tão conhecido como reconhecido no Ocidente como nos países socialista e comunistas de Leste e no Terceiro Mundo. Fora ali que Artur Jorge e outros da *Lusitana Terra* ou da dita *África Portuguesa* fizeram cursos e estágios.

O que mais ali me impressionou foi ter visto uma professora de Educação Física treinar um grupo infantil dum jardim-escola, acompanhado das suas duas educadoras: aqueles corpos tão delicados de criança que certinhos, a seu tempo, um de cada vez, chegados ao fim dum longo banco, para onde, ordenadamente, aos poucos, se haviam movido, davam de seguida a sua *cambalhota*, como gente grande. É que depois das 16 horas o *Centro Desportivo* estava, e sempre estivera, aberto aos grupos desportivos da cidade. Era apenas uma questão de organização, assim no-lo disseram. Mas, meus amigos, ali havia movimento: grupos a chegar, a treinar, a sair, a dar lugar a outros que entravam. Havia ordem, sem barulho - um Português ou Espanhol sentir-se-ia ali bem mal - e tudo aquilo me fez lembrar Esparta de outras eras. Mas, talvez estivesse ali parte do segredo de como, no tempo da ex-RDA, conseguiram produzir, isto é, ganhar, tantas medalhas olímpicas de prata e ouro.

Ainda em Leipzig - em Lipsia, na tradução portuguesa - voltámos pela manhã do dia seguinte ao *Centro Desportivo* e da parte da tarde predisposemo-nos a dar uma pequena volta pela cidade, rápida demais para o gosto português, porque um *maldito telefonema*, do nosso contacto alemão, em Dresden, nos informava que teríamos de estar *imperetivelmente* até às 18 horas no Departamento *Sistemas de Ensino - Estudo e Comparação* -, na Universidade. Ai receberíamos, em mãos, as chaves da casa universitária que, por um preço reduzido, gentilmente punham à nossa disposição. Lembrei-me de imediato de *D. Raposo*, do nosso querido Eça da *Relíquias*, que em terras do Egipto *heroicamente* ainda pudera mostrar o que valia. Mas, infelizmente, para nós quase que não havia alternativa, pois em Dresden, os poucos hotéis que haviam existido no tempo da ex-RDA estavam agora falidos e o novo

hotel americano estaria decerto repleto (ou como a fábula nos ensinou: *estava ainda verde não prestaria, só animais o poderiam 'pagar'*)! Resumindo: era necessário estar às 18 horas em Dresden - foi o prazo mais longo que pude negociar, por especial favor porque, geralmente, *palavra de alemão não volta atrás* e, então, teria ainda sido mais cedo - caso contrário... (ficaríamos no mínimo entregues aos americanos ou no olho da rua).

À grande velocidade a que viajámos, por um lado e, por outro, com a *paciência e calma de 'portuga'*, a que longas bichas de carros, à entrada de Dresden, obrigavam, conseguimos contudo, uma vez mais, demonstrar, que ao Português ainda é possível, de facto, realizar o mesmo que o *Magriço*, nos velhos tempos, fizera: chegar em cima da hora, mas ainda a tempo. Outra coisa também não era de esperar de quem ainda se orgulha dos seus antepassados, embora eu goste mais da maneira de ser do Infante D. Henrique ou de Pedro Nunes que dissera ser *manifesto* que as grandes coisas não se fazem indo a acertar⁽⁴⁷⁾. Mal por mal, prefiro orgulhar-me de Pero da Covilhã, talvez por ali também eu ter nascido.

Em Dresden, onde já existia uma prestigiada Faculdade de Ciências, procurava-se, na altura, implantar também uma renovada Faculdade de Letras, tal como nos foi dito pelos nossos interlocutores, dois dos quais, um Professor Catedrático e o seu assistente mais directo, ambos oriundos da Alemanha Ocidental, como bem se conhecia, pela matrícula dos respectivos carros, pela pronúncia e porque eles próprios confessaram. Estivemos em diversos Departamentos: Departamento de Linguística e Cultura Anglo-Americana, Departamento de Românicas onde nos *pareceu não existir a Cadetra de Língua e Cultura Portuguesa*.

Contrastando com esta triste constatação tivemos, entre os nossos interlocutores, uma esbelta, culta e douta Senhora que muitíssimo bem se exprima na língua do nosso Camões. E, segundo nos disse, preparava na altura uma tese de doutoramento sobre o *Sistema de Ensino em Portugal, implantado outrora no Brasil e nos Países Africanos de língua oficial portuguesa*.

Sem quase dar por ela, toda a nossa conversa, se concentrara cada vez mais na comparação dos diversos sistemas de ensino, confirmando, finalmente, e demonstrando, *de facto*, ao meu colega de viagem que na Faculdade de Letras daquela Universidade, havia um Departamento denominado *Sistemas de Ensino - Estudo e Comparação* -, no qual estava integrada a douta Senhora. Tal Departamento que a todos nós surpreendeu, terá, decerto, a sua razão de ser pelo facto de o *velho* sistema de ensino da ex-RDA (DDR) estar a ser substituído, de uma forma intencional e sistemática, pelo sistema da ex-RFA (BRD).

(47) *Tratado de defesa da carta de marear*.

A sua implantação *in loco* está a ser orientada por Professores da Alemanha Ocidental, os quais regressarão aos seus lugares de origem depois de ali terem prestado um serviço de cinco anos, isto é, depois de missão cumprida.

O sistema educativo que está a ser transplantado da ex-RFA para a ex-RDA é resumidamente muito parecido ao nosso 'velho' sistema de Exame de Estado com estágio separado: Licenciatura de 4 a 6 anos, conforme o curso, com a didáctica e a pedagogia teórica integradas, terminando com a defesa de uma *pequena tese* - primeira parte do 'Exame de Estado' -, seguindo-se dois anos de estágio prático, em escolas escolhidas e no momento com vagas disponíveis, orientados por docentes do 'Secundário', nomeados para o efeito pelo Ministério de Educação e Cultura, terminando aquele com a defesa de um relatório a apresentar - segunda parte do 'Exame de Estado'. A média das duas notas, da *académica* e da *profissionalizante* dá a *nota profissional*, com a qual o candidato poderá concorrer a nível do seu Estado e respeitando algumas nuances a nível nacional⁽⁴⁸⁾.

Apesar da *animada e intensa discussão cultural* na Universidade, ainda houve tempo para visitar, no dia seguinte e, infelizmente, só da parte da tarde, a *maior jóia arquitectónica* de Dresden, - sem de algum modo querer menosprezar outras ou outros monumentos, e muito menos, a cuidadosamente reconstruída *Opera de Semper*⁽⁴⁹⁾ -, o conhecido palácio *Zwinger*, predominantemente barroco⁽⁵⁰⁾, que levou tão somente 250 anos a construir, conservar e a reconstruir, desde 1709 a 1910⁽⁵¹⁾.

(48) ... terminados os estudos, todos os candidatos ao professorado devem submeter-se a um exame, que é seguido de um período de prática do ensino em uma escola e, então, de um segundo exame...; ... uma das tarefas centrais da política do ensino será, nos próximos anos, a introdução do sistema escolar da Alemanha de Oeste nos novos estados.... Os Professores da antiga RDA permaneceram em suas funções, mas não se tornaram automaticamente funcionários públicos. Se ficam ou não como professores no sistema escolar dos novos estados é decidido de acordo com cada caso. Vide Educação, Ciência e Cultura (O sistema escolar; Classificação esquemática do ensino; Os professores; Novas escolas nos novos estados federados), in Hoffmann, *Perfil da Alemanha* (1992), pp.335-407, cit. da p. 341.

(49) Cf. Groth, Guenther (Redaktion); Binder, Eleonore (Gestaltung); Delau, Reinhard (Text); Thienel, Siegfried u. Ackermann (Fotos); *Die dritte Semperoper*. Dresden - Information. Gera, s.d. ; Cf. Hoffmann, *Perfil da Alemanha*, p. 389.

(50) ... Durch ihre Torbogen stroemen Jahr fuer Jahr Tausende in den Barockbau, von dessen 'bezwingender' Schoenheit alle Welt angetan ist... *Dresdner Zwinger* (Es fotografierte Karl- Heinz Boehle. Den Text schrieb Heinz Weise), Leipzig, 1985, p. 4; Cf. Hoffmann, *Perfil da Alemanha*, p. 56s.

(51) ... So geht das seit ueber 250 Jahren! Denn bereits 1709 gab Friedrich August I., (1670-1733), genannt der Starke, seit 1694 Kuerfurst von Sachsen, seit 1697 Koenig von Polen und als solcher August II., Order zur Errichtung etner Orangerte und damit zur Gruendung des Zwingers. Mathaeus Daniel PoeppeImann (1662-1736) helst der gentale Baumeister und Balthasar Permoser (1651-1732) der ihm ebenbuertige Bildhauer der Zwingeranlage; ausgenommen die Gemaeldegalerte, deren Renaissanceform Gottfried Semper (1803-1879) und deren Fassadenschmuck die Bildhauer Ernst Rietschel (1804)-1861), Ernst Julius Haehnel (1811-1891) und Johannes Schilling (1828-1910) schufen. *Dresdner Zwinger*, *ibidem*.

A cidade de Dresden é considerada a pérola do barroco, tal como se exprime A. Hoffmann no *Perfil da Alemanha*, repetindo uma vez mais o que outros, antes, tantas vezes haviam dito e escrito. Mas no *inferno do ataque aéreo de 1945*⁽⁵²⁾ a cidade foi quase totalmente destruída pelo fogo anglo-americano, em raids aéreos sistemáticos, cujas ruínas ainda hoje se podem facilmente imaginar pelas fotografias da época, expostas no Foyer do Pavilhão do Café do acima referido palácio Zwinger, que felizmente ficara ileso⁽⁵³⁾. Hoje, Dresden é a capital do Estado Livre da Saxónia, ressurgido das cinzas das ditaduras nazista e da ditadura dita democrática (RDA).

No dia seguinte entrámos triunfalmente em Berlim. Já estava ali pela terceira vez, duas das quais ainda aquando do velho regime. No entanto, entrar de carro, sem ter que mostrar o passaporte, esperar horas a fio na respectiva fila, era a primeira vez. Não me foi difícil reencontrar a rua *Stresemann*, onde ainda se situa a Missão Católica Portuguesa, na ex-Berlim Ocidental, paralela da Wilhelmstrasse, onde eu costumava ficar e onde agora poderia com certeza visitar o meu velho amigo Padre Johannes Czepanski que, em 1958, conhecera pela primeira vez, como Director do Seminário de Gouveia. Tinha eu nessa altura os meus primeiros 10 anos. Foi o que fiz, infelizmente, a altas horas da noite, não lhe respeitando a sua avançada idade, más para renovar amizades, de há já mais de trinta anos, não há horas nem más nem boas! Ainda era o mesmo: de espírito vivo. O que estava era mais velho, notando-se, sobretudo, no seu andar arrastado.

Depois de nos alojarmos, preparámo-nos de imediato, para visitar o mais possível daquela cidade que durante décadas fora o *Simbolo da Separação Alemã e do Mundo Ocidental e Oriental*. Ali, a *cortina de ferro* que separava as duas Alemanhas a todo o comprimento, tomara, em 1961, a forma de muro. Assim, Berlim tornara-se o centro da, habitualmente, denominada *Guerra Fria*⁽⁵⁴⁾.

(52) Hoffmann, *Perfil da Alemanha*, p. 56s.

(53) *Erst der Architekt Dr. Hubert Ermisch bewahrte ihn (den Zwinger) mit seiner sachkundigen Gesamterneuerung ab 1924. Er hatte den Zwinger eben gerettet, als in der Schreckensnacht vom 13. zum 14. Februar 1945 im Bombenhagel mit der gesamten Stadt am Strom auch sein Anlitz fuer immer erloschen zu sein schien. Die Bildendokumente im Foyer des Café-Pavillons zeugen davon. Dresdner Zwinger*, p. 16.

(54) ... em 1948, os berlineses do Oeste aguentaram durante onze meses um bloqueio (terrestre) graças à inultrável ponte aérea. Aviões da Força Aérea Americana, apoiados por aviões dos aliados britânicos e franceses, abasteceram os habitantes e Berlim Ocidental com víveres...

A separação parecia definitiva, quando a RDA, a 13 de Agosto de 1961, começou com a construção do muro. Com o pronunciamento (declaração), de 1963: 'Eu sou berlinês', o Presidente dos EUA, John F. Kennedy, solidarizou-se com a cidade e seus cidadãos. Em 1987, o presidente americano Ronald Reagan, num discurso ante a porta de Brandeburgo, exigiu da União Soviética a demolição do muro. O muro ruiu, de facto, a 9 de Novembro de 1989, depois da pacífica revolução da RDA.

Começou um novo capítulo desta cidade... Hoffmann, *Perfil da Alemanha*, p. 25s.

Voltando à Wilhelmstrasse, jamais poderei esquecer que bem perto dali estava o *miradouro*, decerto que havia mais; mas, para mim, como só havia subido àquele, era só esse que existia e, (in)felizmente, agora já não estava lá. Senti mesmo pena. Queria-o mostrar ao meu companheiro de viagem, para que também ele visse por cima do *muro* o que estava do outro lado: o campo de minas, o arame farpado, as torres de vigia, os *soldados russos* com binóculos, vigiando-nos a nós e, simultaneamente, aos soldados alemães de Leste. Estes, por sua vez, vigiando-se uns aos outros e, ao mesmo tempo, a nós e à fronteira e, lá ao fundo, a existência dalguns prédios, decerto desabitados, por questões de segurança.

Felizmente que a 9 de Novembro de 1989 o muro ruiu e um novo capítulo histórico começou para aquela cidade. Antes da sua decadência intelectual e cultural sob a ditadura nazista e nos anos subsequentes, os da destruição na II Guerra Mundial, e no tempo em que foi *cidade dividida*, Berlim havia sido uma das grandes metrópoles económicas da Alemanha, assim como uma das grandes capitais europeias da cultura, sobretudo nos seus *dourados anos vinte*⁽⁵⁵⁾.

Hoje é *de jure* e *de facto* a grande capital da *Alemanha Reunificada*, mais parecendo duas capitais *miraculosamente* juntas: oito vezes maior que Paris em extensão, e com quase 3 milhões e meio de habitantes.

Atravessada a célebre porta de Brandeburgo, entrando assim na ex-Berlim Leste, passando mesmo ao lado duma das três grandes Universidades - a Universidade Livre, a Universidade Técnica, fundadas em 1948 - imponente na construção e saudosista de nome pelo qual é conhecida: Universidade dos irmãos *Humboldt*, Wilhelm (político: 1767-1835) e Alexander (estudioso das Ciências Naturais: 1769-1859), atravessada a ponte, visitada a Igreja de S. Maria, subimos à tão falada Torre Panorâmica, jucosamente conhecida em Berlim Oeste pela *Rache Gottes* - Vingança de Deus - devido ao facto de, pela tarde, quando o sol incide na cúpula de vidro, aparentar a formação duma cruz, o que naturalmente nunca agradou aos *Bonzen* - Bonzos - da Alemanha de Leste, comunista, pseudo democrática e pretensamente atea.

Pela manhã do outro dia, visitámos *Charlottenburg*, assim como o palácio e o parque de *Sanssouci*, recordando Frederico II (1712-1786) e a velha Prússia. Já na *Gedaechtniskirche*, recordámos a destruição de Berlim na II Guerra Mundial.

Ao outro dia partimos então de Berlim para Kassel, por mim bem conhecida, pois ali trabalhara quatro anos; cidade altamente conceituada pelos amantes da Arte, graças às suas ricas colecções de pintura holandesa e às exposições

(55) Cf. Hoffmann, *Perfil da Alemanha*, p.27.

Documenta, que ali todos os quatro anos se realizam e onde artistas de todo o mundo se fazem representar.

No dia seguinte estávamos outra vez no aeroporto de Francoforte e dali a duas horas e meia de novo em Lisboa.

No final desta inesquecível viagem, apresenta-se-me apenas um comentário, que, em parte, já fora formulado pelo Poeta Goethe, colocando-o nos lábios do Dr. Fausto, há mais de um século:

*Habe nun, ach! philosophie,
... (Deutsch und Geschichte)
Und leidet auch Theologie
Durchaus studiert, mit heissem Bemuehn.
Da steh ich nun, ich armer Tor!
Und bin so klug als wie zuvor;
Heisse Magister, heisse Doktor gar,
Herauf, herab und quer und krumm
Meine Schueler an der Nase herum -
Und sehe, dass wir nichts wissen koennen!...
Bilde mir (aber) nicht ein, ich koennte was lehren,
Die Menschen zu bessern und zu lekehren⁽⁵⁶⁾.*

Resumindo: não sou um *Convencido* do Saber, e muito menos do *Saber Ensinar*.

Um outro aspecto do meu comentário é relativo ao que aliás sempre pensei, disse e reafirmei: *o conhecimento da Língua e da Cultura Alemã é uma acrescida oportunidade de trabalho nesta Europa, ainda um tanto desconhecida pelos descendentes daqueles que, no século XV, foram os primeiros a (re)descobrir o Mundo.*

Ao fazer esta afirmação, também apenas repito em parte a justificação que o próprio *Goethe-Institut* apresenta, ao pretender ensinar a Língua e Cultura Alemã por esse mundo fora: *Deutsch zaehlt zu den grossen Kultursprachen dieser Erde. Weltweit lernen viele Deutsch - zunehmend fuer ihren Beruf. ...Deutsch zu lernen, kann nur Ihre beruflichen Moeglichkeiten verbessern.* Isto é o que eu, de certo modo, prepositada, intencional mas convictamente tenho vindo a *plagiar* na redacção do programa da *Cadeira de Língua e Cultura Alemã* nos cursos de Secretariado de Administração (desde 1990) e também no de Comunicação e Relações Económicas (desde 1992), quando escrevo: *O Alemão é uma das grandes línguas culturais do Globo. Por toda a parte, são cada vez mais, os que aprendem esta língua, sobretudo por razões profissionais. A Alemanha é uma das maiores potências*

(56) Goethe, J.W.: *Faust. Der Tragödie erster Teil.* Philipp Reclam Jun. Stuttgart 1966, p.13.

comerciais do Mundo. Assim, aprender alemão é, sem dúvida alguma, melhorar as suas possibilidades profissionais.

Esta foi também uma das muitas razões que levou o Instituto Politécnico da Guarda, na pessoa do seu Presidente, a assinar, a 27 de Junho de 1991, um *Protocolo de Colaboração com a Escola Superior Técnica de Estugarda*, facto que a imprensa local alemã oportuna e devidamente destacou⁽⁵⁷⁾ e cuja cerimónia eu tive a honra de presenciar.

Depois de tudo quanto aqui foi narrado, apontado, afirmado e comentado, poder-se-á então, decerto, compreender bem a nossa visita de estudo de 1993, sobretudo à Alemanha de Leste. É que cada um só poderá dar o que tem e, conseqüentemente, só poderá ensinar o que vai aprendendo.

(57) *Fachhochschule fuer Technik
Partnerschaft
mit Portugal*

Einen Partnerschaftsvertrag haben Professor Zabel, Rektor der Fachhochschule fuer Technik Stuttgart, und Professor Raimundo, Direktor des Politécnico da Guarda, Portugal, jetzt unterzeichnet. Ziel der Vereinbarung ist es, eine intensive Zusammenarbeit der beiden Hochschulen innerhalb des europäischen Hochschulsystems aufzubauen. (...) In Stuttgarter Zeitung vom 27. Juni 1991, akw.